

CAPÍTULO 14

A gestão do envelhecimento e a sexualidade: revisitando imagens e narrativas

*Mauro Brigeiro
Guita Grin Debert*

A afirmação de que o desejo e a prática sexual não se esgotam na velhice é quase sempre o mote reiterado das reflexões contemporâneas sobre a sexualidade nas fases avançadas da vida. Os argumentos a respeito são úteis para a análise antropológica acerca do modelo hegemônico de gestão do envelhecimento e das concepções em disputa sobre corpo e erotismo, que têm alcançado expressiva reverberação global. Na última década do século passado, a Organização Mundial da Saúde (OMS) adotou oficialmente a expressão “envelhecimento ativo” como eixo de sua política populacional, visando promover uma visão mais abrangente da velhice saudável, reconhecendo outros fatores além dos cuidados da saúde

que afetam o modo como os indivíduos e as populações podem e devem conquistar um envelhecimento bem-sucedido (Kalache; Kickbusch, 1997). Nessa perspectiva, delinea-se não somente a capacidade de se manter fisicamente ativo ou integrado à força de trabalho, mas a participação contínua e significativa em processos sociais, na esfera econômica, civil e religiosa (OMS, 2005). Outros domínios parecem se articular de maneira tácita aos parâmetros vigentes dessa política, como se tem observado nas narrativas de especialistas de diversas áreas. Uma vida sexual ativa tem sido apresentada, por exemplo, como uma dimensão imprescindível do envelhecimento bem-sucedido e um meio indispensável para alcançá-lo.

Periodicamente, como se fosse uma problematização recente e inédita, o binômio – velhice e sexualidade – volta a ocupar a reflexão teórica, bem como as manchetes da mídia, ambas empenhadas em denunciar a existência de um tabu social que age de forma opressiva contra a livre expressão da sexualidade dos mais velhos. Embora se reproduzam a cada retomada do tema, as denúncias, ao se atualizarem, acabam por trazer novas questões. Estas dizem respeito ao modo como certos valores e moralidades se configuram no contexto social em que são formuladas e às formas pelas quais a periodização do curso da vida e a sexualidade têm sido debatidas, repensadas e representadas. As imagens evocadas nessas construções discursivas oferecem pistas empíricas interessantes para a análise das mudanças e permanências sociais em curso.

Um bom exemplo disso é a campanha *Let's talk the joy of later life sex*, lançada dia 25 de abril de 2021 no Reino Uni-

do e que circulou por diferentes continentes. Com o objetivo de destacar o sexo e a intimidade na idade avançada, a campanha se compõe de diferentes peças publicitárias: um vídeo promocional com relatos de uma mulher e cinco casais, um comunicado de imprensa, um breve vídeo institucional com uma sequência de fotos em que os protagonistas da campanha encenam momentos de prazer sexual, vídeos com os depoimentos completos de cada casal e a protagonista que aparece só, além de vários cartazes com suas imagens acompanhadas de frases sugestivas sobre o sexo nesta etapa da vida. A proposta foi idealizada pela *Relate*, uma organização dedicada a oferecer serviços de apoio e aconselhamento para indivíduos e casais, incluindo terapia sexual, independentemente da idade, orientação sexual e identidade de gênero.¹ Com mais de 370 unidades por toda a Inglaterra e País de Gales, seu lema é a defesa de relacionamentos fortes e saudáveis para todos como a base de uma sociedade democrática e próspera.

O fotógrafo britânico Rankin, conhecido por retratar celebridades do mundo artístico e da moda, foi convidado para fazer os registros da campanha, com apoio de uma agência de publicidade e de um *coach* responsável por favorecer o clima de intimidade com as e os protagonistas convidados.² De fato, o material produzido reúne relatos e cenas pouco usuais envolvendo pessoas mais velhas. No vídeo principal,

1. Disponível em: <https://www.relate.org.uk>. Acesso em: 5 maio 2021.

2. A campanha foi concebida pela agência de *marketing* e propaganda Olgilvy, escrita por Nicola Wood e teve como diretor artístico Andy Forrest.

todos aparecem vestindo somente um roupão branco e descrevendo seus pontos de vista e passagens de sua vida íntima. Os relatos e imagens do vídeo principal da campanha, que busca destruir tabus em torno da velhice, podem ser descritos resumidamente da seguinte forma.

Margaret, uma mulher idosa, branca, diz: “Minha vida sexual com meu marido foi intensa ao longo de todo nosso casamento”. Com tom enfático e decidido, complementa: “Conforme envelhecemos... o sexo fica melhor”.³ Lynne, uma senhora negra, adverte com desenvoltura que depois de 51 anos de casamento é necessário apimentar o sexo. George, seu marido, sentado a seu lado, sorri ao ouvir seu comentário. Mark e Andrew, um casal de homens idosos, brancos, relatam uma experiência íntima de sua vida cotidiana: “Ambos amamos ler na cama, mas com os pés se tocando. Momentos como esse é que são importantes para você. Tanto quanto bater repetidamente o corpo de um contra o outro, para usar termos diretos”, diz um deles, sorrindo ao final. Chrissie, de braços dados com seu esposo, Roger, descreve que depois de anos de casamento o sexo tem se tornado um resultado de uma grande amizade; um deleite que se parece com a cobertura do bolo, mais do que com o próprio bolo. Eles são brancos e aparentam mais de 70 anos, como Arthur e Daphne, que conta um episódio em que a filha do casal abre a janela do quarto e se surpreende ao vê-los praticando sexo. Daphne ressalta que diante da situação inesperada o casal deu uma boa gargalhada e que somente a filha fi-

3. Esse e os demais relatos citados são traduções livres dos originais da campanha em inglês. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IbJRXxRZLlo>. Acesso em: 5 maio 2021.

cou constrangida. Billie e Cora, um casal de idosos de feições orientais, adotam também um tom jocoso ao abordar o tema do sexo. Ele diz: “Está na hora!” e, passados alguns segundos, conclui: “está na hora de tomar seu Viagra”, como se estivesse, talvez, imitando a esposa, que explode em uma gargalhada ao ouvir o gracejo.

A explicitação da experiência íntima e sua veiculação pública são o fundamento da campanha. O uso do verbo *to talk* em seu título enfatiza exatamente o intuito de promover o debate público a respeito do prazer sexual na vida avançada. Ao garantir visibilidade ao tema, espera-se retirá-lo do que denominam como uma condição de silêncio imposta socialmente e combater o estigma associado à prática sexual na velhice. Como aponta o comunicado de imprensa disponível na página web da *Relate*, todas as pessoas seriam capazes de pensar e falar sobre o sexo na medida em que se envelhece. Questiona-se inclusive que a publicidade e os meios escassamente ou nunca reproduzem imagens de pessoas mais velhas envolvidas em situações de intimidade:

Existe uma noção de que as pessoas mais velhas não deveriam, não poderiam e não gostariam de fazer sexo e ter intimidade. Por que? Raramente se fala ou se escreve sobre isso, mas sabemos que, para muitas pessoas mais velhas, sexo e intimidade continuam sendo uma parte importante de suas vidas (Let's talk [...], c2021, tradução nossa).

De acordo com os idealizadores da campanha, é chegado o momento de romper com esse tabu que impede a

apresentação/circulação de imagens de velhos envolvidos em situações íntimas e sexuais. A estratégia tácita definida para esse fim, segundo entendemos, é o uso da visibilidade pública como ferramenta política na definição dos termos de um problema social. Cabe notar ainda que a noção de intimidade ganha nessa campanha um significado especial, sendo ao mesmo tempo privada – e nesse sentido deve ser respeitada de qualquer coerção externa, desde que consensual para quem dela participa – e pública, ou seja, merecedora de existência social livre de julgamentos e discriminação.

Em consonância com a posição da gerontologia a respeito, a campanha reforça a ideia de que o sexo e a intimidade, além de serem plausíveis ao longo de toda a vida, ganham um significado especial na experiência de homens e mulheres na velhice. Ao mesmo tempo, as imagens e as narrativas apresentadas buscam ressaltar uma ideia de irrelevância da idade ou da fase da vida no que se refere à busca do prazer sexual.

Nos vídeos da campanha, os relatos dos protagonistas sugerem reiteradamente que alguns empecilhos para o livre exercício da sexualidade, como as demandas profissionais e do trabalho doméstico, comuns na vida dos casais mais jovens, deixam de existir na velhice, partindo do princípio de que esta é invariavelmente uma fase do curso da vida de inatividade remunerada e em que os filhos já não vivem com os pais. Margaret, por exemplo, cita que, nesta idade, em qualquer momento do dia é possível um casal dizer para si próprio, sem nenhum impedimento externo: “Vamos!?”.

O relato de Lynne reforça essa ideia: “Você pode ter isso no café da manhã, no almoço, no momento que quiser”.

Na campanha, além da velhice trazer facilidades para a fruição sexual, sobretudo em função da expectativa de afrouxamento das atribuições sociais, o peso de eventuais obstáculos para obter prazer associados à experiência física e subjetiva nessa etapa da vida é atenuado. Os cartazes divulgados, por exemplo, apresentam as imagens dos protagonistas em cenas de prazer, seguidas de frases de duplo sentido ou provocadoras, como “Você nunca está velho demais para se divertir com brinquedos (eróticos)”; “As coisas podem durar mais quando você é mais velho”; “Mesmo se você não fizer nada, além de sussurrar palavras doces...”; “Corpos podem mudar, a paixão pode permanecer”; “Alguns homens descobrem que amam o golfe, alguns homens descobrem que amam homens”; “No fim da linha, e no sofá, na mesa...”.

Tendo em vista as caracterizações e análises prévias que realizamos sobre o modo como a gerontologia vem abordando o tema nas últimas décadas (Debert; Brigeiro, 2012, 2013), cabe apontar um dos aspectos que conferem um perfil original à campanha: a preocupação por demonstrar a heterogeneidade de formas de se experimentar o sexo e a intimidade na velhice e a diversidade com que esta pode ser representada em imagens. Margaret aparece sem um companheiro, mas suas fotos sugerem que nem isso a impede de desfrutar do prazer sexual, o que se sugere por meio de poses e frases sutis alusivas ao autoerotismo. Aliás, as mulheres são mais protagonistas que os homens na enun-

ciação dos relatos, ressaltando sua autonomia nas relações eróticas, ao invés de retratá-las como dependentes da vontade masculina. Busca-se ainda dar destaque à experiência de Chrissie, uma mulher mastectomizada, mantendo ativa sua vida sexual. As imagens destacam seu tórax sendo beijado por seu companheiro, nas quais se podem notar suas cicatrizes. Denota-se, assim, que um evento tão significativo para a autoimagem feminina, como pode ser essa cirurgia, não necessariamente implica um obstáculo ao contato físico e sexual. Mark e Andrew representam no vídeo a diferença de orientação sexual. Distintos de Margaret e dos outros quatro casais, eles representam o par que não se enquadra na norma heterossexual. Além dos abraços, eles aparecem se beijando e acariciando-se as nádegas, dando destaque, inclusive, a uma cena sexual pouco frequente no conjunto de imagens homoeróticas que circulam publicamente. A diversidade é buscada ainda por meio da presença de um casal negro – Lyanne e George – e de outro com traços orientais – Billie e Cora (Let’s talk [...], c2021). É possível afirmar ainda que as imagens promovidas pela campanha trazem, em seu conjunto, uma proposta ousada de estetização dos corpos dos velhos.

Na gerontologia brasileira,⁴ ainda que a defesa de uma vida sexual ativa para o envelhecimento bem-sucedido tenha marcado a produção bibliográfica, particularmente a partir da década de 1990, essa diversidade não está presente no tratamento dado à questão pelos gerontólogos e

4. Sobre a gerontologia no Brasil, especialmente a formação da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia, ver Lopes (2000).

outros profissionais. Como temos mostrado, o discurso dos gerontólogos, geriatras e de outros especialistas interessados na reflexão sobre as fases mais avançadas da vida, em sintonia com o conhecimento científico internacional, tem incluído a sexualidade como um dos pilares da boa velhice. Além de argumentarem sobre a possibilidade de se praticar o sexo até o fim da vida, a tendência é considerar que essa é uma atividade benéfica para a saúde, bem-estar e autoestima. Procura-se, assim como é replicado na campanha da *Relate*, romper tabus e estabelecer novos parâmetros para pensar os significados do que é ser velho. Todavia, é necessário observar com atenção as diferenças de imagens e os argumentos empregados, contextualização necessária para entender as especificidades em jogo. Vale a pena, portanto, retomar a argumentação dos especialistas que há tempos têm sustentado no nosso país que a sexualidade não se esgota na velhice. O interesse em recuperar essas narrativas não é somente o de marcar que elas já estavam presentes no país na virada do século, mas realçar o modo particular de construção dessa problematização. Na produção nacional, ao se reconhecer o declínio da frequência de atividade sexual com o avanço da idade, procura-se enfatizar que esse decréscimo é substituído por uma intensidade ampliada do prazer sexual, da erotização do corpo em todas as suas áreas, ao mesmo tempo que se estabelecem diferenças de gênero mais marcadas nessa experiência. Ademais, o trabalho de desconstrução de significados e práticas proposto pela gerontologia não é realizado sem resistências, fato que também merece atenção.

A sexualidade e a desgenitalização do prazer

Publicada em 1991, uma apostila da Universidade da Terceira Idade da PUC de Campinas caracteriza da seguinte forma os ganhos da velhice no curso da vida sexual e em outras dimensões da experiência subjetiva:

Estudos recentes na área da Gerontologia apontam características essencialmente positivas nessa fase da existência:

* A Terceira Idade é o momento de melhor avaliação crítica da vida, em virtude das experiências acumuladas. A pessoa torna-se mais detalhista e mais paciente.

* A crescente sabedoria permite uma maior capacidade de julgamento.

* A elementaridade permite a distinção entre o banal e o fundamental.

* O reconhecimento do valor da vida solicita a urgência e a necessidade de atuação com um nível surpreendente de envolvimento pessoal que, por sua vez, estimula a criatividade.

* A velocidade é substituída pela acuidade; a capacidade de recordação aumenta, a diminuição da capacidade de novas conexões intelectuais é substituída pela experiência.

* O envolvimento com negócios cede lugar às responsabilidades no contexto familiar e comunitário.

* As paixões e a volúpia são substituídas por deleites mais refinados.

- * A questão sexual é redimensionada no sentido do amor, do calor humano da partilha, da intimidade do toque entre pessoas.
- * Atitudes e preferências ganham maior estabilidade.
- * A participação política e de cidadania torna-se mais efetiva.
- * Há menos temor da morte. A força do corpo é substituída pela força do espírito (Sá, 1991, p. 20).

Trata-se de um exemplo típico de como a problematização nacional da sexualidade na velhice acompanha a construção da “terceira idade”, categoria promovida por diversos profissionais e instituições. Essa categoria e o modelo de envelhecimento ativo são efeitos de um complexo trabalho de ressignificação que visa transformar as etapas mais avançadas da vida em momentos mais gratificantes.⁵ Opera-se um conjunto de discursos e imagens empenhados em rever estereótipos negativos da velhice e a organização de espaços de sociabilidade para que experiências bem-sucedidas de envelhecimento possam ser vividas entre pares. Na base dessa proposta de desestabilizar expectativas e imagens tradicionais associadas a homens e mulheres em estágios mais avançados da vida, encontram-se iniciativas envolvendo as universidades voltadas para o segmento mais velho da população, os grupos de convivência de idosos (alguns deles denominados de “a melhor idade”), assim como a divulgação de técnicas de manutenção corporal e formas de lazer, como os bailes.

5. Sobre a reinvenção da velhice, ver Debert (1999); sobre a invenção da terceira idade, ver Debert e Simões (1998) e Peixoto (1998).

A visão do envelhecimento como uma situação de decadência física e perdas de papéis sociais é assim entusiasticamente eclipsada pela ideia dos ganhos que o envelhecimento potencialmente possibilita. Na literatura nacional, as etapas mais avançadas da vida passam a ser tratadas como momentos privilegiados para novas conquistas, sendo estas guiadas pela busca do prazer, da satisfação e da realização pessoal. As experiências e os saberes acumulados são retratados como ganhos que propiciariam aos mais velhos oportunidades de explorar novas identidades, realizar projetos abandonados em outras etapas da vida, estabelecer relações mais profícuas com os mais jovens e com outros idosos.

É no marco dessas disputas e vitórias sobre os modos de pensar o envelhecimento que as reflexões especializadas sobre a experiência sexual nesse grupo etário devem ser compreendidas.

No Brasil, o esforço de desafiar convenções e tabus sociais já marcava a reflexão sobre velhice e sexualidade desde a década de 1990:

Já existem hoje inúmeras pessoas que envelhecem trabalhando, passeando, dançando e se apaixonando, com imensa vitalidade. [...] Esses idosos ativos estão demonstrando que, mais do que a simples ausência de doença, a saúde plena é um estado de excelência pessoal, de sincronia e bem-estar físico, emocional e mental [...]. Existem, sim, perdas que acompanham o processo natural do envelhecimento. Mas é possível viver bem com essas limitações impostas pela idade, mesmo as que se referem à vida sexual. Em vez

de compreendermos as mudanças, e as doenças, ainda tentamos combater seus sintomas. Melhor seria desenvolver e flexibilizar a nossa capacidade de adaptação (Fraiman, 1994, p. 198).

Contudo, o que está muito presente na fala dos analistas nacionais desde os anos 1990 é que esse tipo de enunciado vem, na maioria das vezes, acompanhado do esforço para reiterar que a sexualidade é algo muito mais amplo do que o contato genital.

É um grande malefício que se faz com indivíduos de idade avançada, porque muitos são os que podem até usufruir mais do que quando eram jovens. A sexualidade tem pouco ou nada a ver unicamente com ereções e orgasmos, e sim com comunhão, com tocar e se deixar tocar, acariciar e ser acariciada, ter e dar prazer. É só conseguir mudar o padrão de encarar e de atuar, usando formas abertas e receptivas entre si, que se chega ao nirvana nos encontros amorosos (Fucs, 1992, p. 94).

Como já mostramos, no caso brasileiro, a velhice parece instaurar uma nova etapa do curso da vida sexual, na qual a ampliação do prazer é de tal ordem que não há parte da superfície do corpo dos velhos que não seja potencialmente fonte de prazer, ultrapassando a própria noção de zona erógena, uma vez que do ponto de vista dos especialistas não há limites e demarcações nesse sentido. Notemos, por exemplo, as palavras da psicanalista Sueli Souza dos Santos,

que destaca como afeto, fantasias, desejo de seduzir e ser seduzido estão presentes na vida dos idosos:

com o envelhecimento, quando as funções orgânicas sofrem em seu desempenho uma perda sexual, decorrente das mudanças hormonais ou de alguma doença incapacitante, a libido, ou seja, a energia sexual, que privilegia o aparelho genital para a sua realização, retorna seu investimento a outras áreas do corpo marcadas nas primeiras experiências, retornando ao prazer encontrado em outras formas erógenas, como o toque, o olhar, a delicadeza de toda sensibilidade. A sexualidade, como manifestação de amor, de afeto, toma outras formas de expressão. [...] São os preconceitos que fazem pensar que a chamada andropausa no homem e a menopausa na mulher são responsáveis pelas dificuldades sexuais. A perda de hormônios modifica o mecanismo e a frequência da ereção, assim como altera a lubrificação vaginal, dificultando a realização do coito. Isso parece decretar que a penetração é a única fonte produtora do prazer e que a ausência ou as dificuldades dessas possibilidades funcionais incapacitam o velho como ser sexuado [...] o que interfere na vida sexual do velho é de ordem psicológica e social (Santos, 2003, p. 22-30).

Essa ampliação das zonas erógenas ou de prazer aparece também na literatura nacional sob a forma de relatos

dos próprios idosos, sendo que a erogenização do corpo é especialmente associada aos homens.

Embora temendo os efeitos deste [envelhecimento] sobre a sexualidade, os homens responderam que com o tempo sua vida sexual melhorava cada vez mais. A maioria dos 'cinquentões' disse que o sexo fica melhor. Muitos homens relataram uma evolução na sexualidade conjugal. [...] A explicação de um respondente reflete bem essa ideia: "Quando se é jovem, comem-se sanduíches e batatas fritas, devorando-os com indiferença e discriminação", tratamento idêntico dado às relações sexuais, isto é, a qualidade da experiência não importa muito, mas na medida em que se envelhece a genitalidade cede lugar à sexualidade, isto é, ocorre algo mais pleno e abrangente (Ferrigno, 1988, p. 13-14).

As disciplinas especializadas reconhecem ser típico do universo feminino uma sexualidade mais complexa e difusa. Nesse ponto de vista, os homens seriam geralmente mais limitados em sua concepção de sexualidade, comparativamente às mulheres, tendendo a concentrar seus interesses na região genital e no recurso à penetração. A proposição de redescoberta de outras partes "sexualizadas" do corpo na velhice é feita principalmente para eles, especialmente em resposta às alterações identificadas na capacidade de ereção com o avançar da idade.

As conclusões sobre as mulheres propõem que elas apresentariam menores dificuldades quanto à vida sexual na

velhice, já que a sexualidade delas, como afirmam, sempre foi mais complexa e “menos localizada”. Além disso, argumenta-se que, pelo fato de elas terem tido uma socialização marcada por maior controle, a velhice seria um momento propício para a libertação, na medida em que as experiências acumuladas e o desprendimento das funções reprodutivas, de cuidado dos filhos pequenos e de uma família muitas vezes extensa permitem um distanciamento do conjunto de convenções relacionadas com o mundo feminino. Vale frisar que essa imagem de liberação de atribuições sociais na produção gerontológica nacional não é apresentada para o casal e sim para as mulheres em particular.

É parte dos estudos sobre a sexualidade, como mostra Luiz Fernando Dias Duarte (2004), a dificuldade envolvida na tensão entre, por um lado, “uma incitação a falar sobre o sexo” (Foucault, 1976) e, por outro, um movimento que retrai essa fala ou mesmo a reflexão sobre o tema, dada a correlação entre sexualidade, intimidade e privacidade. Essa tensão acaba por levar a uma separação entre dois níveis da experiência: o sensual e o sentimental. Um prazer sensorial do sexo (dito sensual) e um prazer afetivo sentimental (correspondente em nossa cultura à ideologia do amor). É próprio destes estudos estabelecerem uma correlação entre o sensual e o masculino e entre o afetivo e o feminino. Essa correlação é que tende a ser revista quando os especialistas brasileiros formulam imagens sobre sexualidade e velhice.

A inversão dos atributos de gênero que ocorreria na velhice é tratada nos seguintes termos pelo psicanalista Kernberg (2001, p. 183-184, tradução nossa):

Pode-se observar um desenvolvimento curioso da relação entre o desejo erótico e o amor apaixonado ao se estudar as relações amorosas que se dão mais tarde na vida. [...] o desenvolvimento masculino e feminino da integração entre excitação sexual e ternura diferem. [...] Para os homens, [...], a liberdade sexual precede a capacidade de estabelecer uma relação de objeto profundo com uma mulher, e de integrar liberdade sexual no contexto desse relacionamento amoroso. No caso das mulheres, ao contrário [...]. A patologia mais frequente, nesse sentido, é um certo grau de inibição sexual no contexto do estabelecimento de uma relação amorosa satisfatória. [...] vindos de caminhos de desenvolvimento contrastantes, homens e mulheres alcançam a mesma capacidade de síntese entre liberação sexual e uma relação de objeto profunda; na realidade, o amor apaixonado é precisamente o selo dessa síntese entre o desejo erótico e o amor terno. Agora, sob a luz da observação das relações amorosas de casais mais velhos, sugiro que esse desenvolvimento prossegue na idade mais avançada com uma surpreendente reversão de papéis. Homens apaixonando-se e estabelecendo uma relação amorosa apaixonada nas etapas mais avançadas de suas vidas frequentemente têm uma estimulante experiência de que seu intenso amor sexual por uma mulher transcende, em novas formas, seu desejo erótico [...]. Ao contrário, as mulheres que se apaixonam nas etapas mais avançadas de suas vidas podem experimen-

tar uma liberdade de desejo sexual que torna o amor pelo homem que encontraram agora uma ponte na qual o desejo erótico pode ser plenamente satisfeito, e torna-se a maior expressão do amor deles. Um paciente disse, brincando, para sua nova namorada, “às vezes fico com medo de que você esteja me tratando como um objeto sexual e que meus sentimentos e minha personalidade não tenham importância para você”.

A batalha travada pelos especialistas contra a ideia de que velhice e sexualidade são mutuamente excludentes não é tarefa fácil. Trata-se de uma disputa contra concepções arraigadas no senso comum e contra a indústria farmacêutica, o que faz com que a reiteração recorrente de que a sexualidade não se esgota apareça periodicamente como uma percepção inovadora e desafiante de preconceitos e tabus.

O senso comum e a indústria farmacêutica

A juventude como valor⁶ torna difícil a tarefa empreendida contra a ideia de que velhice e sexualidade são mutuamente excludentes, como bem mostra Simões (2004b, p. 417-418):

O declínio do desejo, a perda da atratividade física e o virtual apagamento como pessoa sexualizada estão entre as principais marcas e condições do envelhecimento que sustentam, em grande par-

6. Sobre a juventude como valor, ver Debert (2010).

te, o repúdio e o medo generalizado do corpo em degradação e, em contrapartida, a avaliação positiva que se faz da juventude. [...] Nesse cenário, aparentemente marcado pelo hedonismo complacente e pela obsessão com atributos físicos capazes de suscitar atração e desejo, em que tudo parece girar em torno de um mercado sexual hierarquizado por critérios de juventude e beleza, não haveria lugar para as pessoas de mais idade, que carregariam os estereótipos derivados da depreciação de sua atratividade como parceiros sexuais desejáveis e da decorrente marginalização pelos mais jovens.

O esforço dos especialistas por ampliar as potencialidades da sexualidade humana produz imagens que contrastam com dados de estudos antropológicos sobre mulheres mais velhas que afirmam estarem vivendo a melhor etapa de suas vidas, porque, entre outras coisas, a velhice permitiu que elas se liberassem da obrigação do sexo que marcou outras etapas da vida. Tais estudos, a maioria realizados em grupos de convivência de idosos, parecem confirmar que a imagem de uma boa velhice para as mulheres de universos urbanos advém da liberação de determinadas responsabilidades familiares com o passar dos anos, o que não implica uma oportunidade para a busca por satisfação sexual, sendo valorizadas outras formas de ocupação do tempo livre.⁷

7. Cf. Alves (1999), Alves (2004), Barros (1998), Cabral (1997), Motta (1997), Motta (1998) e Peixoto (1995, 1997, 2000). Para outros estudos etnográficos sobre a experiência masculina de envelhecimento no contexto brasileiro, ver Henning (2014), Mota (2013), Passamani (2018), Pochay (2011), Santos (2012) e Simões (1998, 2004a, 2004b).

Quanto ao universo masculino, descrições etnográficas mostram que a importância do sexo está inextricavelmente associada a valores da masculinidade e menos implicada a uma necessidade de reformular concepções e entendimentos sobre o prazer. A pesquisa de Brigeiro (2000) sobre uma rede de sociabilidade composta exclusivamente por homens idosos mostra que as performances de gênero evidenciadas nas falas entre esses homens e deles com o pesquisador incluíam a demonstração de um interesse por manter a vida sexual ativa. No entanto, era comum enunciarem que sua vida afetiva sexual se circunscrevia ao âmbito conjugal e poucos declaravam manter relacionamentos fora do casamento. Indicavam, sobretudo por meio do recurso ao humor e jocosidade, que o desempenho sexual atual era distinto ao de épocas anteriores. A importância e a possibilidade da sexualidade em suas vidas não se vinculavam, entretanto, com a ideia de uma redescoberta, denotando efetivamente uma tentativa de manutenção de interesses e valores da masculinidade.⁸

8. No Reino Unido, ao menos para as gerações mais velhas, a proposta de ressignificação da sexualidade na velhice também encontra obstáculos. Em pesquisa realizada em 2020 pela 3Gem e citada pela *Relate*, 67% dos entrevistados de 65 anos ou mais disseram que sexo e intimidade em seu grupo etário raramente (43%) ou nunca (24%) são representados nos meios de comunicação. Os resultados indicam ainda a dificuldade dos idosos de tratar de sexualidade com os pesquisadores: 60% dos idosos e idosas consultados não se sentem confortáveis em conversar abertamente sobre sexo e intimidade. Os dados destacam ainda que apenas um quinto dos britânicos consideram que é aceitável falar sobre sexo e intimidade das pessoas com 60 anos ou mais. E apenas 10% das pessoas com mais de 65 anos acham que esse não é um tema constrangedor. Há ainda quem justifique esse constrangimento por não ter podido

O esforço da gerontologia e de outras especialidades em ampliar as potencialidades da sexualidade humana, desgenitalizando os corpos ou invertendo as convenções sobre a sexualidade feminina e masculina, resulta também em uma batalha contra a indústria farmacêutica, empenhada em reduzir a sexualidade aos termos de disfunções sexuais tratáveis e acentuar a penetração como cerne das preocupações masculinas e do casal. A crítica advinda do campo gerontológico a este tipo de perspectiva não é direta, mas a ideologia sustentada cria uma tensão com a lógica do tratamento farmacológico das disfunções sexuais. Se olharmos para a promoção do medicamento Viagra, por exemplo, os discursos enunciados certamente enfatizam a importância da sexualidade nas etapas mais avançadas da vida, mas intensificando o valor dos genitais e da penetração na relação sexual.⁹ Como bem mostram Brigeiro e Maksud (2009), as estratégias discursivas de divulgação deste medicamento em nosso país estiveram fundamentadas sobre um claro apelo a convenções assimétricas e tradicionais de gênero; no qual o homem é valorizado, sobretudo, por sua potência sexual e por assumir o protagonismo no encontro erótico com a parceira. A mulher, por sua vez, é apresentada em uma posição subordinada, passiva e complacente aos avatares do desejo

conversar mais sobre o tema quando eram mais jovens ou por não querer incomodar, não saber em que momento tocar no assunto e também pela falta de confiança no que pode ser dito. Foi visando a transformação dessa realidade que a campanha do Reino Unido foi idealizada (Let's talk [...], c2021).

9. Sobre as lógicas de gênero associadas ao Viagra, ver Azize (2004), Bajos e Bozon (1999), Bozon (2004), Brigeiro e Maksud (2009) e Giami (1998).

masculino. A proposta farmacológica de favorecer o sexo na idade avançada, à diferença do que propõe a gerontologia, não se apoia na tentativa de inverter ou romper a posição de homens e mulheres na gramática sexual.

A sexualidade, a saúde e a qualidade de vida

O conteúdo das argumentações e as imagens empregadas para sustentar a viabilidade de uma vida sexual ativa na velhice estão diretamente condicionados a outra proposta da OMS, que é replicada de maneira capilar em políticas e programas em diferentes partes do mundo: a de saúde sexual. Atrelada com a política de envelhecimento ativo, a sexualidade na velhice passa a ser definida prioritariamente como um recurso para o bem-estar subjetivo. A experimentação do prazer proposta aos mais velhos está fortemente subordinada à gestão individual do envelhecimento segundo as noções contemporâneas de “qualidade de vida” e “vida saudável”, com seus preceitos e critérios.

A operação de tratar a sexualidade em termos de seus benefícios para a saúde e o bem-estar se popularizou notavelmente no mundo contemporâneo e integra atualmente uma diversidade de discursos dirigidos à promoção da saúde. Para os argumentos especializados sobre sexo na velhice no contexto brasileiro, o forte apelo à saúde constitui-se um recurso imprescindível.

Essa associação da vida sexual com a saúde permite, por um lado, separar a gerontologia das práticas tidas como

charlatanistas, que, como mostraram Marshall e Katz (2003), caracterizavam o comércio de produtos voltados para estimular ou restaurar as funções sexuais perdidas e que se chocavam com a convenção dos especialistas que, até as primeiras décadas do século XX, estabeleciam que o vigor sexual era biologicamente determinado e que a aceitação do seu declínio era a condição moral para envelhecer bem. Por outro lado, a associação com a saúde permite dissociar o sexo de práticas exclusivamente hedonistas e garantir respeitabilidade ao que pode ser visto como falta de decoro ou respeito na velhice. Da mesma forma, a associação entre saúde e sexualidade implica o deslocamento do sentido de clandestinidade do erotismo para um significado cada vez mais associado não apenas ao cuidado saudável do corpo, mas também ao fortalecimento do *self* e da autoestima. Os objetos eróticos e a pornografia perdem a conotação de obscenidade. Passam a se associar a uma possibilidade válida entre as práticas sexuais, porém sua validade estaria conferida em função de sua capacidade de fortalecer e fazer bem ao sujeito, como demonstra Gregori (2004) ao argumentar sobre a noção de erotismo politicamente correto. Na problematização gerontológica que se verifica desde a virada do século passado, reitera-se a máxima ocidental de que é impossível conceber uma vida satisfatória sem uma experiência sexual gratificante. O discurso dos especialistas reproduz, assim, a proposta de “democracia sexual” que, conforme observado pelo historiador André Béjin (1987), encarna um ideal moderno de que o prazer sexual é para todos, sem restrição qualquer, inclusive de idade, sendo um recurso de realização pessoal.

Considerações finais: a estetização da velhice e a representação da diversidade

Em Debert e Brigeiro (2012, 2013), argumentamos que a questão da beleza e da atração física – a estetização da velhice – foi colocada em segundo plano pelos entusiastas da sexualidade, enfocando-se na sua relação com os benefícios para a saúde. Quase uma década depois, assistimos a emergência de novos elementos nos modos de gestão contemporânea do envelhecimento. Como indicamos na presente análise, a campanha *Let's talk the joy of later life sex* parece enfrentar o desafio envolvido de estetização dos corpos envelhecidos. Embora reproduza em vários sentidos o processo de erotização da velhice vigente desde a virada do século, tal campanha o faz por meio de imagens que põem em foco as marcas físicas da idade em corpos nus, encenando sensualidade. Embora, em seu vídeo institucional, as imagens denotando momentos de prazer sexual se intercalem muito rapidamente, dificultando observar detalhes de cada protagonista – o que sugere um cuidado para que a exibição das imagens não escandalize –, a tentativa de alargamento das fronteiras morais é notória.

O sentido de um erotismo politicamente correto ganha novas conotações no caso analisado. Conforme argumentamos antes (Debert; Brigeiro, 2012, 2013), o processo de erotização da velhice conduzido pelos saberes especializados reproduz simultaneamente uma normatividade heterossexual e sugere, como parte das prescrições para um envelhecimento bem-sucedido, uma inversão do que é tido como próprio da sexualidade feminina e masculina. Os vídeos e

fotos de Rankin não se contentam com as representações que acabam por ocultar práticas e desejos muito diversos também nas gerações mais velhas. A campanha busca apresentar, especificamente por meio de suas imagens, uma gama mais variada de pessoas mais velhas. Os vídeos mostram carícias entre Andrew e Mark, um casal *gay* que está junto há 31 anos; Chrissie, que fez uma mastectomia dupla, tendo sexo com seu parceiro; além de retratar um casal negro e outro de ascendência oriental.

A campanha, ademais, não se resume ao apelo romântico para retratar e promover o sexo e a intimidade na velhice e aposta em uma acentuação dos aspectos sensuais dessa experiência. Como dizem seus idealizadores, “essa campanha defende a importância do sexo e da intimidade na vida adulta, explorando tudo, desde o amor de longo prazo a novas aventuras, da intimidade terna às mais picantes” (Let’s talk [...], c2021, tradução nossa).

Embora reconheçamos os limites da campanha em retratar a diversidade de experiências de sexualidade na velhice – uma vez que eventos específicos da diferenciação racial, sexual e de gênero não são mencionados pelos protagonistas –, a campanha da *Relate* oferece elementos para enfrentar e rever o pressuposto essencialista e universalizante que comumente define o envelhecimento e a vida sexual. O desafio da pesquisa antropológica e da análise crítica seria, nesse sentido, dar conta da diversidade e evitar o emprego de categorias abrangentes, generalizadoras e homogeneizantes que, entre seus efeitos, impedem a aceitação de corpos, experiências de gênero e desejos sexuais plurais.

Referências

ALVES, Andréa Moraes. *A dama e o cavaleiro: um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALVES, Marcelo. A gestão da experiência de envelhecer em um programa para a terceira idade: a Unati/Uerj. *Textos Envelhecimento*, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 23-63, 1999.

BARROS, Myrian Moraes Lins (org.). *Velhice ou terceira idade?* Rio de Janeiro: FGV, 1988.

AZIZE, Rogério. Masculinidades, Viagra e saúde. In: RIAL, Carmem; TONELI, Maria Juracy Filgueiras (org.). *Genealogias do silêncio: feminismo e gênero*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004. p. 171-181.

BAJOS, Natalie; BOZON, Michel. La sexualité à l'épreuve de la medicalisation: le Viagra. *Actes de la Recherche em Sciences Sociales*, v. 128 (Sur la Sexualité), p. 34-37, juin 1999.

BÉJIN, André. O poder dos sexólogos e a democracia sexual. In: ARIÉS, Phillipe; BÉJIN, André (org.). *Sexualidades ocidentais*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 236-254.

BOZON, Michel. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BRIGEIRO, Mauro. *Rir ou chorar?: envelhecimento, sexualidade e sociabilidade masculina*. 2000. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

BRIGEIRO, Mauro; MAKSUD, Ivia. Aparição do Viagra na cena pública brasileira: discursos sobre corpo, gênero e sexualida-

de na mídia. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 71-88, jan./abr. 2009.

CABRAL, Benedita E. S. Lima. A vida começa todo dia. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 159-168, 1997.

DEBERT, Guita Grin. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 16, n. 34, p. 49-70, 2010.

DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice*. São Paulo: Edusp, 1999.

DEBERT, Guita Grin; BRIGEIRO, Mauro. A velhice e o sexo politicamente correto. In: PASSAMANI, Guilherme (org.). *(Contra) Pontos: ensaios de gênero, sexualidade e diversidade sexual: cursos da vida e gerações*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2013. p. 29-48.

DEBERT, Guita Grin; BRIGEIRO, Mauro. Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 27 n. 80, p. 37-54, 2012.

DEBERT, Guita Grin; SIMÕES, Júlio Assis. A aposentadoria e a invenção da "terceira idade". In: DEBERT, Guita Grin (org.). *Antropologia e velhice*. Campinas: IFCH/Unicamp, 1998. p. 29-44. (Coleção Textos Didáticos).

DUARTE, Luiz Fernando Dias. A sexualidade nas ciências sociais: leitura crítica das convenções. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio (org.). *Sexualidades e saberes, convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2001. p. 39-81.

FERRIGNO, José Carlos. A sexualidade dos mais velhos. *Intercâmbio*, [s. l.], v. 3, n. 1, p. 5-16, 1988.

FOUCAULT, Michel. *Histoire de la sexualité 1: la volonté de savoir*. Paris: Gallimard, 1976.

FRAIMAN, Ana Perwin. *Sexo e afeto na terceira idade: aquilo que você quer saber e não teve com quem conversar*. São Paulo: Ed. Gente, 1994.

FUCS, Gilda. *Homens e mulheres: encontros e desencontros*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

GIAMI, Alain. La medicalisation de la sexualité: aspects sociologiques et historiques. *Andrologie*, v. 8, n. 3, p. 383-390, 1998.

GREGORI, Maria Filomena. Prazer e perigo: notas sobre feminismo, sex shops e S/M. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio (org.). *Sexualidades e saberes, convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 235-257.

HENNING, Carlos Eduardo. *Paizões, tiozões, tias e cacuras: envelhecimento, meia idade, velhice e homoerotismo masculino na cidade de São Paulo*. 2014. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

KALACHE, Alexandre; KICKBUSCH, Ilona. A global strategy for healthy ageing. *World Health*, v. 50, n. 4, p. 4-5, July/Aug. 1997.

KATZ, Stephen; MARSHALL, Barbara. New sex for old: lifestyle, consumerism, and the ethics of aging well. *Journal of Aging Studies*, v. 17, n. 1, p. 3-16, 2003.

KERNBERG, Otto F. Love relations in later years. In: STEINER, Riccardo; JOHNS, Jennifer (ed.). *Within time and beyond time: a festschrift for Pearl King*. London: Routledge, 2001. p. 177-192.

LET'S TALK the joy of sex in later life. *Relate*, Northampton, c2021. Disponível em: <https://www.relate.org.uk/later-life-sex>. Acesso em: 5 maio 2021.

LOPES, Andrea. *Os desafios da gerontologia no Brasil*. Campinas: Alínea, 2000.

MOTA, Murilo Peixoto. Os senhores de si: homossexualidade e envelhecimento de homens de camadas médias cariocas. *In: PASSAMANI, Guilherme (org.). (Contra)Pontos: ensaios de gênero, sexualidade e diversidade sexual: cursos da vida e gerações.* Campo Grande: Ed. UFMS, 2013. p. 65-82.

MOTTA, Alda Britto. Palavras e convivência: idosos hoje. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 129-135, 1997.

MOTTA, Flávia de Mattos. *Velha é a vozinha*: identidade feminina na velhice. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1998.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Tradução: Suzana Gontijo. Brasília, DF: Organização Pan-Americana de Saúde, 2005.

PASSAMANI, Guilherme. *Batalha de confete*: envelhecimento, condutas homossexuais e regimes de visibilidade no Pantanal-MS. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. A sociabilidade dos idosos cariocas e parisienses: a busca de estratégias para preencher o vazio da inatividade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, n. 27, p. 138-149, 1995.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. De volta às aulas ou como ser estudante aos 60 anos. *In: VERAS, Renato Peixoto (org.). Terceira idade: desafios para o terceiro milênio.* Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997. p. 41-74.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velhos, velhote, idoso, terceira idade... *In: BARROS, Myrian Moraes Lins (org.). Velhice ou terceira idade?* Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 69-84.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. *Envelhecimento e imagens*: entre Paris e Rio de Janeiro. São Paulo: Annablume, 2000.

POCAHY, Fernando. *Entre vapores e dublagens: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento*. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

SÁ, Janete Liasch Martins. *A Universidade da Terceira Idade na PUCAMP: proposta e ação inicial*. Campinas: PUC Campinas, 1991.

SANTOS, Sueli Souza. *Sexualidade e amor na velhice*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SANTOS, Daniel Kerry. *Modos de vida e processos de subjetivação na experiência de envelhecimento entre homens homossexuais na cidade de Florianópolis/SC*. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

SIMÕES, Júlio de Assis. A maior categoria do país: o aposentado como ator político. In: BARROS, Myrian Moraes Lins (org.). *Velhice ou terceira idade?* Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 13-34.

SIMÕES, Júlio de Assis. Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio (org.). *Sexualidades e saberes, convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004a. p. 415-447.

SIMÕES, Júlio de Assis. Provedores e militantes: imagens de homens aposentados na família e na vida pública. In: PEIXOTO, Clarice (org.). *Família e envelhecimento*. Rio de Janeiro: FGV, 2004b. p. 25-56.